

Voltamos a não ter desculpas

O Brasil voltou a não ter desculpas. Nossos problemas voltaram a ser exclusivamente internos. Estamos, novamente, nus diante do espelho forçados a encarar as consequências de nossas deficiências políticas e culturais. Os fatores externos, que, até há pouco, atenuavam as culpas do governo e do Congresso – e também da sociedade civil que não é capaz de metê-los em brios – pelo pífio desempenho da nossa economia, desapareceram. O mercado financeiro anda tranquilo como há muito não se via e, mais importante, melhoraram os prognósticos sobre o desempenho das economias dos países ricos.

Já há efeitos positivos para o Brasil. No mercado financeiro, por exemplo, o principal título da dívida externa brasileira, o C-Bond, valorizou-se acentuadamente nas últimas semanas e já paga os juros mais baixos do ano. A Bolsa de Valores de São Paulo está em alta com a volta dos investidores externos e o governo brasileiro tem obtido êxito em sucessivas colocações de novos títulos no mercado internacional. Além disso, os investimentos estrangeiros diretos (em fábricas, infra-estrutura, redes comerciais e de serviços) devem bater o recorde neste ano.

É uma situação bem diferente daquela verificada há apenas um ano, quando, no auge da crise financeira internacional, sumiram investimentos e crédito para os países

emergentes e as taxas de juros dispararam. Hoje, estamos de novo quase no ponto em que estávamos antes da crise russa (agosto de 1998).

As principais economias (Estados Unidos, Europa e Japão) terminam 1999 em crescimento e com sólida expansão prevista para 2000.

Também estão em plena recuperação, Coréia à frente, as economias asiáticas que entraram em crise em 1997. No caso do Japão, o crescimento esperado é menor – 1% neste e no próximo ano – mas, para um país que vinha de dez anos de recessão, está mais do que bom. Já a União Europeia termina 1999 com o crescimento de 2% (número anualizado) e perspectiva de expansão para expressivos 3% no ano que vem. Neste segundo semestre, a economia européia já cresce a um ritmo de 4% ao ano, tirando o atraso do primeiro semestre, ainda sob efeito da crise.

Nos Estados Unidos, ao contrário, quase certamente haverá uma desaceleração. Mas isso também é uma boa notícia, pois a economia americana vem de prolongado período de excessivo aquecimento. Conforme as estatísticas da revista *Economist*, nos últimos três meses, comparados com o período im-



diatamente anterior, o Produto Interno Bruto cresceu 4,8% (anualizados), o que é um resultado espantoso para a maior economia do planeta.

O prognóstico é de um crescimento de “apenas” 3% no ano que vem. Isso deverá ser o resultado positivo da política de desaceleração aplicada pelo Federal Reserve, o banco central americano, que acaba de elevar a taxa básica de juros para

5,5%. É a terceira elevação neste ano e espera-se que seja a última. E, ao contrário do que aconteceu por ocasião das duas primeiras, a reação no mercado financeiro foi positiva. Essa reação reflete a expectativa de que o formidável ciclo de expansão dos Estados Unidos não terminará em um crash de Wall Street. Com sorte – e com a mão visível de Alan Greenspan, o presidente do Federal Reserve – a economia dos Estados Unidos parece caminhar para uma suave desaceleração.

Os efeitos dessa conjuntura global também já são sentidos pelo Brasil. Os produtos primários de exportação, por exemplo, cujos preços estavam no fundo do poço por causa da crise e da consequente queda do consumo mundial, já estão em recuperação. Isso, aliás, é uma das causas da alta de preços

aqui no Brasil. Paciência é o preço a pagar para a recuperação das exportações, estas sim essenciais para o equilíbrio das contas externas. Em um cenário positivo, o superávit no comércio externo em 2000 traria os dólares necessários para impedir a desvalorização do real. Bloqueada essa desvalorização, cessa uma importante pressão inflacionária.

De novo, tudo depende de nós mesmos. O cenário externo, tão hostil nos últimos dois anos, torna-se favorável, oferecendo investimentos, crédito e mercados em expansão para os produtos brasileiros.

Confirmados os atuais prognósticos, o ano 2000 mostrará uma rara combinação positiva em que as três principais regiões econômicas (Estados Unidos, Europa e Japão e os tigres) estarão em crescimento ao mesmo tempo.

Como dizíamos, o Brasil voltou a não ter desculpas. A solução dos nossos problemas só depende de nós mesmos. E continuamos marcando passo nas reformas essenciais como a previdenciária, a tributária e a Lei de Responsabilidade Fiscal. Será uma lástima se perdermos mais esta oportunidade.

A solução dos nossos problemas depende somente de nós mesmos